

Paisagem cultural de Marambaia: só vendo que beleza!

Vivian Cristina dos Santos Hackbart



Bióloga, Mestre em Engenharia Civil. Laboratório de Planejamento Ambiental (LAPLA), Departamento de Recursos Hídricos, FEC-Unicamp. Campinas [SP], Brasil. <vhackbart@gmail.com>.

Guilherme Theodoro Nascimento Pereira de Lima



Oceanógrafo. Mestre em Engenharia Civil. Laboratório de Planejamento Ambiental (LAPLA), Departamento de Recursos Hídricos, FEC-Unicamp. Campinas [SP], Brasil. <gtmplima@fec.unicamp.br>.

Resumo

A análise e o estudo da paisagem e de seus elementos têm evoluído nas últimas décadas por meio de trabalhos multidisciplinares, especialmente, das áreas de ecologia e arquitetura, e em conjunto têm interpretado a paisagem para o melhor planejamento e ordenação territorial. Com base nestes conceitos, este artigo tem o objetivo de descrever a paisagem cultural da Ilha de Marambaia, tendo como principal referência a letra da música “Só vendo que beleza”, que apresenta a paisagem formada por elementos característicos da região costeira do sudeste do Brasil, tanto pelos elementos físicos, como pela biodiversidade.

Palavras-chave

Paisagem cultural, patrimônio, paisagem, ordenação territorial.

Cultural landscape of Marambaia: it's so beautiful!

Abstract

The analysis and study of the landscape and its elements have evolved in recent decades based on multidisciplinary Works, specially from Ecology and Architecture areas. Both allow interpreting landscape for a better regional planning. Based over this concepts, this article intends to describe the cultural landscape of Marambaia Island. The principal reference to guide this paper is the letter of the Brazilian song called “Só vendo que beleza”. The landscape from Marambaia is composed by typical elements from coast of Southeast Brazil, and they are presented in this song, physic elements and biodiversity.

Keywords

Cultural landscape, heritage, landscape, regional planning.

Introdução

A análise e o estudo da paisagem e de seus elementos têm evoluído nas últimas décadas por meio de trabalhos multidisciplinares, especialmente, das áreas de ecologia e arquitetura. Estas áreas originalmente distintas têm desenvolvido em conjunto novas formas de avaliação e interpretação da paisagem, onde a cultura, o patrimônio e a organização do espaço são as bases para os estudos de planejamento e de ordenação territorial (SABATÉ, 2010).

Na ecologia, o conceito de paisagem refere-se a uma área espacialmente heterogênea (ou mosaico) formada por unidades interativas, sendo esta heterogeneidade existente para pelo menos um fator, segundo um observador, numa determinada escala de observação (TURNER, 1989; METZGER, 2001) e apresenta uma evolução ao longo do tempo relacionada à ação de forças motoras de mudança. Para a arquitetura, é a ação do homem interagindo com o espaço natural a principal força motora de formação da paisagem (DRAMSTAD *et al.*, 1996).

Dessa forma, a ação do homem ou de um grupo social – ao longo do tempo - sobre uma paisagem natural produz um registro histórico sobre o território que pode ser chamado de paisagem cultural (SAUER, 1925 *apud* SABATÉ, 2007; BÜRGUI *et al.*, 2004). Da mesma forma que o homem reorganiza a terra para adaptar da melhor forma seu uso e estrutura espacial, em função das mudanças da sociedade produzindo uma paisagem cultural (ANTROP, 2005) ele é influenciado pelo meio, refletindo em sua cultura aspectos da diversidade biológica local representando, dessa forma, uma estreita rede de relações entre natureza, cultura e patrimônio (RÖSSLER, 2006).

O patrimônio pode ser entendido como um grupo de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte, da ciência ou da antropologia e que refletem – de forma material ou imaterial - as relações fundamentais entre as comunidades locais e seu ambiente natural (UNESCO, 1972; RÖSSLER, 2000; RÖSSLER, 2006).

No Brasil, a música regional é reconhecida pelo Decreto Federal nº 3.551/00 como patrimônio imaterial, por representar uma herança cultural que reflete [...]

[...] os conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades... e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (MACEDO, 2006).

Com base nestes conceitos, o presente artigo tem por objetivo descrever a paisagem cultural da Ilha de Marambaia, tendo como principal referência um patrimônio imaterial representado pela letra da música “Só vendo que beleza” de autoria de Henricão e Rubens Campos.

Material e Métodos

Área de estudo

A Ilha da Marambaia está localizada na litoral de Mangaratiba, a 23° 04' S e 43° 53' W, no estado do Rio de Janeiro, Brasil (Figura 1). Assim como todo o município de Mangaratiba, a Ilha foi tombada pela Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, em 04 de março de 1991 (Processo nº E-18/000.172/91) devido sua importância ambiental e histórica.

A Marambaia possui uma extensa área de Mata Atlântica, com rica vegetação de restinga e de mangues em ótimo estado de conservação, sendo considerada como uma área de grande importância para a preservação do meio ambiente. Por esse motivo, em 1992 foi elevada a condição de Reserva da Biosfera pela Unesco¹.

A Ilha da Marambaia tem aproximadamente 42 km² e liga-se ao continente, na região de Guaratiba, por uma faixa estreita de areia com cerca de 40 km de extensão e 5 km de

¹ Ver: <<http://www.mar.mil.br>>.

largura, chamada restinga da Marambaia (GARSKE & ANDRADE, 2004; OLIVEIRA & ARAÚJO, 2004; OLIVEIRA *et al.*, 2007).

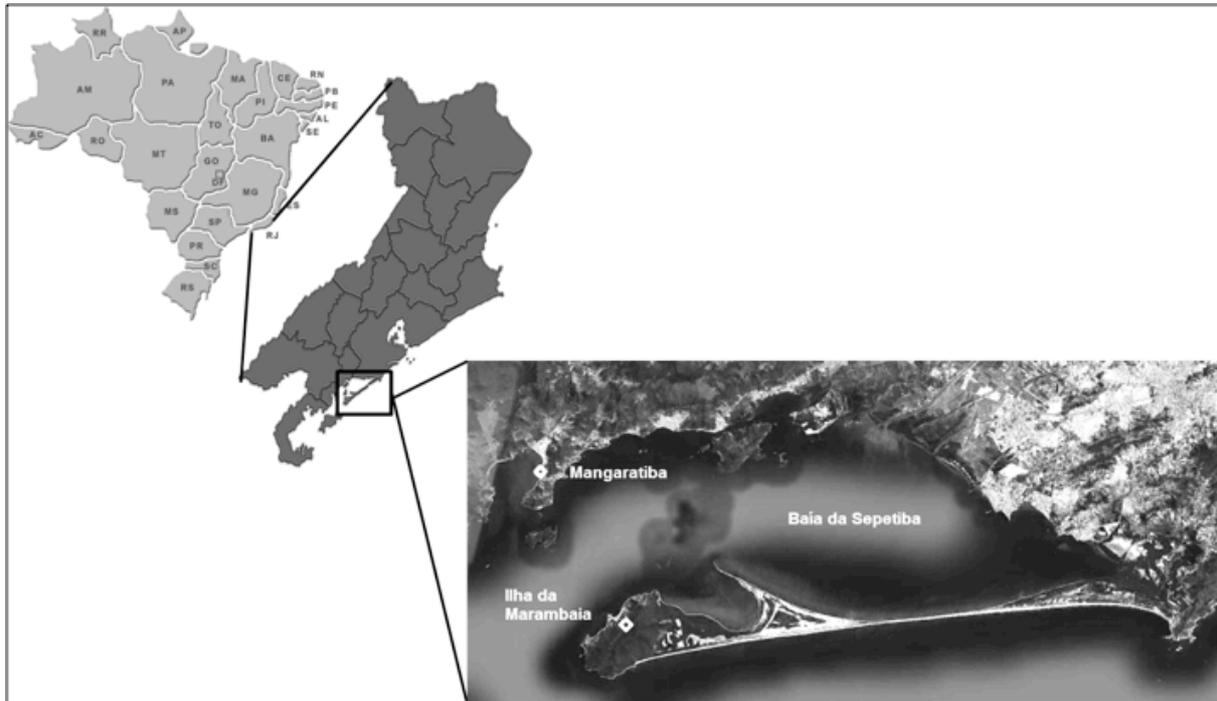


Figura 1. Localização da Ilha de Marambaia.

A região de localização da Ilha enquadra-se no macroclima tipo AW – Clima Tropical Chuvoso (KÖPPEN, 1948), com temperatura média do mês mais frio superior a 18° C e a do mês mais quente superior a 22° C (MATTOS, 2005).

A Ilha apresenta relevo variado entre baixada, meia-baixada e elevação rochosa e o ponto culminante tem 641 metros de altitude conhecida como Pico da Marambaia. A formação vulcânica é revestida por uma Mata Atlântica exuberante e conserva uma vegetação de Restinga e de Mata Pluvial Costeira, que está quase extinta no Estado do Rio de Janeiro (XEREZ *et al.*, 1995). A vegetação dominante é a mata secundária, com sub-bosque denso. As famílias de plantas mais ricas em espécies são *Myrtaceae*, *Leguminosae*, *Rubiaceae*, *Orchidaceae* e *Euphorbiaceae* (GARSKE & ANDRADE, 2004; CARVALHO & ARAÚJO, 2007).

Devido sua diversidade de espécies, a Ilha tem sido tema de várias pesquisas com objetivo de realizar levantamentos sobre a biodiversidade, tais como os levantamentos de lagartos realizado por Carvalho *et al.* (2007), do gavião-pomba (*Leucopternis lacernulata*) realizado por Garske & Andrade (2004), de morcegos (LOURENÇO *et al.*, 2007) e das espécies de *Sapindaceae* na zona de restinga, realizado por Somner *et al.* (2009).

Histórico

A história local é marcada por inúmeros conflitos de terras entre o governo federal e os moradores locais. Durante mais de 30 anos no século XIX, a Ilha pertenceu a Joaquim José Breves e serviu de local de entreposto de escravos recém-chegados da África (Figura 2) que depois seriam vendidos para outros fazendeiros. Com a morte de Joaquim, os escravos alegaram que ele teria doado verbalmente a Ilha para as famílias dos escravos que ainda moravam em suas fazendas. Como a doação não foi oficializada, a viúva de Joaquim

vendeu a fazenda à Companhia Promotora de Indústrias e Melhoramentos, sem que estes escravos tivessem tomado posse oficial das terras (OLIVEIRA & NÓBREGA, em 29/04/2010, TERRITÓRIOS NEGROS, 2003).

No início do século XX, a Marinha do Brasil instalou na Ilha a Escola de Aprendiz de Marinheiros do Estado do Rio de Janeiro e apenas 2 anos depois foi transferida para Campos [RJ]. Com isso, passados alguns anos, a Ilha passou a ser área restrita para as atividades da Marinha. Em 1939, o presidente Getúlio Vargas doa oficialmente a Ilha para a construção de uma escola profissional de pesca – a Escola Técnica Darcy Vargas – que entra em decadência em 1955, sendo então reincorporada pela União. Dez anos depois é fundado o Centro de Adestramento para Fuzileiros Navais da Ilha da Marambaia e iniciada a ação judicial para a reintegração de posse da Ilha para a União. A ação movida contra os moradores gerou conflitos pela posse da terra entre o governo federal e os caiçaras, e permanece sem solução até o presente momento (Dossiê Marambaia, 2003; NOBREGA, 2004; SILVA *et al.*, 2008).



Figura 2. Ruínas da senzala que abrigava os escravos do Comendador Joaquim José de Souza Breves. Foto: Aloysio Breves.
Fonte: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=51>>.

Material de análise

O material analisado é a letra da música “Só vendo que beleza” escrita por Henricão e Rubens Campos. A composição original foi gravada pela RCA Victor em 1942, em ritmo de samba. A intérprete da primeira versão da música foi Carmen Costa, sendo posteriormente regravada por Elis Regina, Omara Portuondo e Maria Bethânia. Esta música serviu de base para reflexões sobre a paisagem cultural da Ilha da Marambaia [RJ] dentro do contexto da Linha de pesquisa em “Planejamento Regional, Patrimônio e Paisagem” existente dentro do curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil, da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Esta linha de pesquisa tem como principais objetivos estudar a estrutura, função, fenômeno e processos: conceitos e relações conceituais; a conectividade e o *continuum* na paisagem e no patrimônio,

bem como analisar os elos entre pessoas, uso da terra e valores da paisagem.

Discussão

O Brasil é um dos países de maior diversidade biológica e cultural (REIS, 2006). Essa diversidade se reflete nas letras das músicas das mais diferentes regiões, de norte a sul, onde autores das mais diversas origens e gêneros musicais descrevem a paisagem natural e cultural de sua região. Por exemplo, no Rio Grande do Sul, as músicas “Canto Alegretense” (de autoria de Antônio Augusto Fagundes) e “Céu, sol, sul, terra e cor” (de autoria de Leonardo) relatam as belezas da terra, a profunda ligação do gaúcho com o modo de vida no campo e a integração da diversidade da fauna e flora na cultura local.

Da mesma forma, na região nordeste, a letra da música “Asa Branca” (de autoria de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira) retrata a dificuldade da vida no sertão causada pela seca e descrita através da aridez da paisagem, a importância da religiosidade na cultura regional, a migração e a esperança de retorno para a terra natal. Na região centro-oeste a música

“Quebra de Milho”, de Renato Teixeira & Pena Branca e Xavantinho também segue esta mesma linha, com a descrição da preparação da terra, plantio e colheita do milho, além da espera pela chuva, e depois a celebração da colheita, com a preparação de pratos típicos com milho. Outra música que pode ser citada, por cantar as belezas da paisagem é “Pantanal” de autoria do grupo musical Sagrado Coração da Terra, que tem os rios e a biodiversidade citados em sua letra e a forte ligação do homem com a natureza (“... Gente que entende; E que fala a língua das plantas, dos bichos...”), mas também o amor pela terra e a luta pela preservação nos versos “... Lutar com unhas e dentes; Pra termos direito a um depois; Vem de um milênio o resgate da vida do sonho do bem...”.

Uma outra categoria de música brasileira que canta nosso patrimônio, paisagem natural, cultura e amor a terra são os sambas enredo do Carnaval do Rio de Janeiro. As letras das músicas nos remetem a cultura local, riqueza da paisagem e a biodiversidade, como por exemplo o samba enredo da Escola Beija-Flor de 2003 e o samba enredo da Escola Portela de 2004, que cantam a biodiversidade e as lendas da Amazônia.

Do mesmo modo, a letra da música “Só vendo que beleza” (de autoria de Henricão e Rubens Campos) apresenta de forma bastante idealizada a região de Marambaia, localizada no estado do Rio de Janeiro.

A letra descreve a paisagem formada por elementos característicos da região costeira do sudeste do Brasil. Os elementos físicos dessa paisagem apresentados pela letra descrevem a praia e a serra. Já os elementos bióticos são descritos em maior detalhe e divididos em: flora, representada pela mata de restinga composta por lianas floridas (trepadeiras; flores brinco-de-princesa); e fauna representada pelas aves típicas da região (andorinhas e sabiás).

A cultura da comunidade reflete a sua religiosidade cristã (capela e “hora da Ave-Maria”), a tradição da moda de viola (caiçara) e a sua ligação com a natureza através “do tempo natural” descrito nas estações do ano (transição entre a primavera e o verão) e nas horas do dia (entardecer).

Além de refletir o cotidiano da comunidade da Marambaia, a letra dá indícios do patrimônio material presente no local uma vez que descreve a modesta casa do morador tradicional, a presença de uma área de convívio social (representada pela varanda) e pela presença da capela. A descendência miscigenada da comunidade também é retratada de forma positiva na letra quando, carinhosamente, é feita referência a uma pessoa pela sua cor de pele morena.

Todo esse conjunto descrito pela letra remete a uma imagem do paraíso onde há harmonia entre o homem e a natureza sendo a Marambaia o lugar ideal para viver, unindo os sentimentos de naturalidade e pertencimento ao local. No entanto, o tom saudoso dá indícios de que o narrador (autor ou interprete) não se encontra presente no local.

NOBREGA (2004) afirma que a Ilha da Marambaia é repleta de lendas, casos e relatos, que servem como elementos da cultura dos habitantes tradicionais, que são utilizados para o culto de seus antepassados, dos quais muitos se orgulham e fazem questão de conservar seus costumes e respeito pelo local.

O mesmo autor traçou um relato interessante sobre os habitantes da Ilha. Segundo ele, existem dois tipos de moradores: (i) as pessoas que se autodenominam nativos, por serem descendentes de escravos; e (ii) as pessoas que se autodenominam moradores, por serem parte da população que permaneceu na Ilha após o fechamento da Escola de Pescadores.

Trigger *et al.* (2008) discutindo o sentimento de pertencer a um determinado local dos descendentes dos colonizadores da Austrália afirmaram que o pertencer ecológico muitas vezes carrega um significado simbólico, que se sobrepõe a certos grupos de pessoas o que implica em pressupostos sobre identidades sociais e histórias. Esse mesmo sentimento foi observado por NOBREGA (2004), para os habitantes de Marambaia.

A letra escrita por Henricão e Rubens Campos por volta da década de 1940 está distante da realidade encontrada para a região nos dias atuais. Sem a posse definitiva da terra, a comunidade local se encontra em meio a uma disputa judicial com a União pela posse da terra.

Essa situação de conflito e de desamparo perante aos órgãos públicos pode ter motivado os autores da letra da música a escrever a continuação da canção. Em “Casinha da Marambaia” Henricão e Rubens Campos expressam o sentimento de tristeza e abandono à medida que descrevem o desmoronamento da casa, a falta de cuidado com a varanda e a solidão.

A integração com o meio natural continua e a mesma tristeza sentida pelo homem é “sentida pela natureza” e reflete na mudança da paisagem quando as flores secam e as aves mudam seu ninho.

Conclusão

O presente artigo mostra que a utilização de um patrimônio imaterial – no caso a letra da música – como meio para se entender a paisagem cultural, o patrimônio, a paisagem e a ordenação territorial de uma determinada comunidade é possível, exequível e se constitui num excelente instrumento didático.

A Marambaia descrita na letra remete a uma paisagem e a um modo de vida compatível ao que pode ser observado em outras regiões litorâneas do Sudeste do Brasil. E possibilita ao leitor atento uma noção – ainda que simplificada – dos elementos constituintes da paisagem, da fauna, da flora, dos usos e costumes da comunidade local.

Referências

ANTROP, Marc. Why landscapes of the past are important for the future. **Landscape and Urban Planning**, v.70, p. 21-34, 2005.

BÜRGUI, M., HERSPERGER, A.M. e SCHNEEBERGER. Driving forces of landscape change – current and new directions. **Landscape Ecology**, 19: 857-868, 2004.

CARVALHO, A.L.G. e ARAÚJO, A.F.B. Ecologia dos lagartos da ilha da Marambaia, RJ. **Rev. Univ. Rural**, Sér. Ci. Vida. Seropédica, RJ, EDUR, v. 24, n.2, Jul.-Dez., p. 159-165, 2004.

DOSSIÊ MARAMBAIA, 2003, ONG Koinonia. Em 29/04/2010
<http://www.koinonia.org.br/oq/dossies/marambaia/home_dossie1.htm>.

DRAMSTAD, W.E.; OLSON, J. D.; FORMAN, R. T. T. **Landscape Ecology Principles in Landscape Architecture and Land-use Planning**. Harvard University and Island Press and American Society of Landscape Architects. 80p., 1996.

GARSKE, Carlos Eduardo da Silva; ANDRADE, Viviane Alves de. Observações e capturas de *Leucopternis lacernulata* (Accipitridae) na Ilha da Marambaia, litoral sul do estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Ararajuba**, Rio de Janeiro, v.12, n. 1, jun.2004.

KÖPPEN, W. 1948. **Climatologia**. Ed. Fundo de Cultura Econômica, Buenos Aires, México. 478p.

LOURENÇO, Elizabete C.; FRANÇA, Débora S.; PEIXOTO, Gabriela; LUSTOSA, Raoni; GOMES, Luiz; HOTTZ, Déborah; COSTA, Luciana M.; FERNANDES, Ágata F. D.; LUZ, Hermes; ESBÉRARD, Carlos E. L. Riqueza de morcegos da Ilha da Marambaia, Mangaratiba, RJ. **Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil**, Caxambu, 23 a 28 de setembro de 2007.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Levantamento do patrimônio Imaterial do Rio Grande do Norte**, 2006, em 29/04/2010. <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2013%20-%20Helder%20Alexandre%20Medeiros%20de%20Macedo%20TC.PDF>.

MATTOS, C. C. L. V. 2005. Caracterização climática da Restinga da Marambaia, RJ. In: Menezes, L. F. T.; Peixoto, A. L. & Araujo, D. S. D. História Natural da Marambaia. **EDUR, Seropédica**. p.55-66.

METZGER, Jean Paul. O que é ecologia de paisagens? **Biota Neotropica** (Ed. Portuguesa), Campinas, SP, v. 1, n. 1/2, p. 1-9, 2001.

NOBREGA, Luciana de Amorim. Marambaia: imaginário e história. **Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas**, Seropédica, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1-2, p. 115-123, jan.-dez. 2004.

OLIVEIRA, André Luiz Gomes de; ARAÚJO, Alexandre Fernandes Bomberg de; Ecologia dos lagartos da Ilha da Marambaia, RJ. **Rev. Univ. Rural, Sér. Ci. Vida**, Seropédica, RJ, v. 24, n.2, p. 159-165, jul.-dez. 2004.

OLIVEIRA, André Luiz Gomes de; ARAÚJO, Alexandre Fernandes Bomberg de; SILVA, Hélio Ricardo da; Lagartos da Marambaia, um remanescente insular de Restinga e Floresta Atlântica no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Biota Neotropica**, v. 7, n. 2, p. 221-226, 2007.

OLIVEIRA, Olívia Chaves de; NÓBREGA, Luciana Amorim. Visitado em 29 de abril de 2010. <<http://www.fiocruz.br/ehosudeste/templates/htm/vii encontro/textos/Integra/OliviaChavesdeOliveiraeLucianadeAmorimNobrega.pdf>>.

REIS, Ana Carla Fonseca. Diversidade cultural e biodiversidade – patrimônios interdependentes e pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável. **II Encontro de estudos multidisciplinares em Cultura**. Salvador [BA], 2006.

RÖSSLER, Mechtild. World Heritage Cultural Landscapes. **Landscape Stewardship: New Directions in Conservation of Nature and Culture**. The George Wright Forum, v.17, n.1, p.27-34, 2000.

———. World Heritage Cultural Landscapes: A UNESCO Flagship Programme 1992-2006. **Landscape Research**. v.31, n.4, p.333-353, October, 2006.

SABATÉ BEL, Joaquín. Paisajes culturales y desarrollo local: ¿Alta costura o prêt a Porter?. **Labor & Engenho**, Campinas, v. 1, n. 1, p.51-76, 2007.

———. Paisajes culturales. El patrimonio como recurso básico para um nuevo modelo de desarrollo. Em 29/04/2010. <<http://www.aq.upm.es/Departamentos/Urbanismo/public/urban/pdf/urban9/c.pdf>>.

SILVA, Daniel Ferreira da; OLIVEIRA, Cyntia Meireles de; NÓBREGA, Luciana de Amorim; MENDES, Fábio Faria; OLIVEIRA, Olívia Chaves. Grupos caiçaras na Ilha da Marambaia, RJ: atores externos, conflitos e transformações econômicas. **Perspectivas Contemporâneas**. Campo Mourão, v.3, n.2, p. 73-90, ago./dez.2008.

SOMNER, Genise Vieira; CARVALHO, André Luiz Gomes de; SIQUEIRA, Clarice Tavares; Sapindaceae da Restinga da Marambaia, Rio de Janeiro, Brasil. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 3, p. 485-507, 2009.

TERRITÓRIOS NEGROS, Informativo ONG KOINONIA. Memorial da Marambaia. Rio de Janeiro, Ano 3, n.3, 2003.

TRIGGER, David; MULOCOK, Jane; GAYNOR, Andrea; TOUSSAINT, Yann; Ecological restoration, cultural preferences and the negotiation of “nativeness” in Australia. **Geoforum**, v. 39, p. 1273-1283, 2008.

TURNER, M.G. Landscape ecology: the effect of pattern on process. **Annual Review of Ecology and Systematic**, v. 20, p. 171-197, 1989.

UNESCO. Convention concerning the protection of the world cultural and natural heritage adopted by the General Conference at its seventeenth session, Paris, 16 November, 1972.

XEREZ, R.; Pereira, L. A.; PRADO, J. P.; AMORIM, M.; Ilha da Marambaia (Baía de Sepetiba, RJ): II - Aspectos bionômicos e inventário da dipterofauna. **Floresta e Ambiente**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 64-67, 1995.